

# Na fronteira das identidades

## Masculino - Feminina

CUSCHNIR, Luiz.

Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

Antes de discutirmos o trabalho de Cuschnir, seria conveniente situá-lo no contexto da literatura que vem sendo produzida sobre o comportamento dos homens, durante os últimos 20 anos. Esta literatura, produzida basicamente nos EUA, Canadá, Inglaterra e França, tem procurado apontar os transtornos gerados por uma representação de si, construída prevalentemente sobre a ação e marcada pela dissociação entre o que o indivíduo sente e o que lhe é permitido expressar.

Por outro lado, a abordagem da problemática dos homens tem sido equacionada segundo as especificações do que, na cultura ocidental, se define como masculino e feminino. Estas qualificações aparecem como unidades de compreensão do comportamento dos indivíduos, definindo para eles tanto no plano imaginário quanto no social quem é o homem e a mulher.

O masculino e o feminino, na literatura em questão, são conceitos utilizados para designar aspectos da subjetividade, mais do que para, enquanto sinônimos de sexo, reforçar o comportamento tradicionalmente definido para os homens. Neste sentido, o que se coloca é uma tentativa de expansão das fronteiras da representação social dos homens, incorporando a ela aspectos de uma vida insensível.

Segundo a literatura produzida sobre os homens, o masculino e o feminino serão ao mesmo tempo utilizados como uma referência à marca biológica dos sexos, tanto quanto irão assumir uma outra característica: a de servir como expressão da sensibilidade.

Através da revisão dos significados das categorias masculino e feminino, estará também sendo revisto o modelo de comportamento dos homens. Como se a busca de um "homem sensível" exigisse mais que um entendimento biológico da dinâmica subjetiva dos sujeitos. É compreensível que a inter-

pretação de uma situação de mudança sobre o comportamento carregue, para alguns autores, atribuições eminentemente psicológicas e que, portanto, lancem mão das categorias masculino e feminino para produzirem suas análises.

As primeiras análises elaboradas sobre os homens se projetaram através de reflexões psicológicas. Estas foram bem aceitas por uma sociedade individualista e bastante psicologizada com boa receptividade para novas formas de utilização deste tipo de saber. E agora, os homens são convidados a rever seu papel social através de uma outra aplicação dos conhecimentos psicológicos, mesmo porque só o fato de ser homem já eliminava a possibilidade de o sujeito entrar em terapia.

A literatura sobre homens tem sido produzida fora das regras de uma literatura eminentemente acadêmica, e se assume enquanto uma forma de expressão para comunicar o que durante muito tempo eles não reconheceram como sendo parte de suas dinâmicas subjetivas. Assim sendo, para serem lidas, as reflexões sobre os homens precisam guardar a singularidade com que são produzidas. A partir daí, encontra-se um texto com um nível de complexidade e elaboração diferente das exigidas pelas produções acadêmicas. Contudo, um texto rico para se identificar o desconforto e a tentativa de um grupo de homens de encontrar para suas vidas um significado que não seja definido pela conquista de prestígio e status social, a partir da aquisição de bens e patrimônio.

É visível, também, que a relação entre um homem e uma mulher tem servido de eixo para a condução da reflexão sobre o que está acontecendo com os homens. Vale lembrar que a diferença entre os autores está no nível de importância dado por cada um deles à relação entre homens e mulheres. Há aqueles que concedem a esta relação uma importância estrutural, contudo existem outros que, relativizando-a, identificam-na como um dos aspectos a ser considerado para as análises sobre a transformação do comportamento dos homens.

Assim sendo, o individualismo enquanto uma *Weltanschauung* se consolidou durante este século, e serviu de suporte para dar legitimidade ao movimento de minorias, que agora tem o mais novo aliado: os homens. Eles se constituirão como uma minoria, a partir da tomada de consciência das implicações causadas, sobre eles mesmos, no que diz respeito ao papel social que devem representar. Depois dos negros, dos índios, dos gays, das mulheres e trabalhadores, os homens entram em cena, trazendo para dentro dela o silêncio e a solidão a respeito de suas vidas. E re-potencializam a discussão sobre as minorias. Afinal, homens sensíveis, na América Latina, ainda é uma denominação que atinge a um restrito contingente de indivíduos.

Diante deste panorama, o trabalho de Cuschnir apresenta os primeiros sinais do que posteriormente será considerado como a transformação no comportamento dos homens. As indagações sobre quem sou eu como homem, como companheiro, amante e pai aparecem como indicativos que emergem do cotidiano dos indivíduos e sinalizam o processo de transformação que se inicia.

Cuschnir trabalha como o que ele chama de **grupo de gêneros**, marcando sua trajetória com este tipo de atividade, a partir de uma experiência em Amsterdã, em um congresso de psicoterapia. O seu livro é uma reflexão desenvolvida a partir do trabalho que realiza com grupos de homens, na faixa de 25 a 50 anos

Cuschnir parte de situações cotidianas para analisar os estereótipos que definem quem é o homem e a mulher, motivado pela proposta de favorecer o encontro entre ambos.

A denominação masculino e feminina são definidas pelo autor como sendo energias que retratam as "essências" do homem e da mulher, respectivamente. Assim sendo, ele introduz a noção de sensibilidade no lugar da de feminilidade, como sendo uma tentativa de incorporar ao comportamento dos homens uma dimensão que, na história do Ocidente, ficou tradicionalmente atribuída à mulher.

O que sustenta o trabalho de Cuschnir é uma busca, por meio do psicodrama, de uma linguagem e expressão para os afetos dos homens. Em última instância ele se alinha a uma das principais preocupações presentes na literatura sobre homens, que é ten-

tar romper com o estereótipo do "machão", ou do "homem ideal", para situar indivíduos diante deles mesmos, agora como pessoas.

Para tanto, o autor faz uma reavaliação da participação de outros homens na história de vida de um menino. A participação do pai, do avô, e de outros membros da família só reforçam o estereótipo de homens que vivem distantes das demandas do cotidiano familiar. Desta distância brota o sentimento de alienação a que os homens foram submetidos durante toda a infância e posteriormente à vida adulta, fazendo com que assumam estereótipos sociais como referência para suas identidades.

Cuschnir argumenta também que, sem a diminuição por parte das mulheres do nível de ressentimentos, que elas alimentam nas suas relações com os homens, dificilmente o encontro entre ambos acontecerá. O que significa dizer que será necessário, segundo o autor, baixar os níveis de rivalidade entre ambos, administrando-os, a fim de que a experiência amorosa transforme a rivalidade em uma possibilidade de crescimento.

*Masculino - Feminina* é escrito de maneira que o leitor também possa completá-lo. Existem lacunas no texto a serem preenchidas como, por exemplo, quando Cuschnir analisa quem será o homem novo e a nova mulher. No que diz respeito a esta última, o autor afirma que os homens querem viver com as mulheres experiências de satisfação e gratificação. Ele chega a esta conclusão utilizando os depoimentos de diferentes homens, em que a mulher aparece valorizada e reconhecida.

Neste trabalho, Cuschnir também aborda aspectos da vida cotidiana das mulheres, e assim como na outra parte *Masculino*, a *Feminina* inicia-se com a história de crianças que se tornarão mulheres e homens. As tarefas, as atividades, a vida em família vão sendo abordadas de modo que, ao mesmo tempo em que ele apresenta as conquistas realizadas pelas mulheres no trabalho, aponta também o receio vivido por elas, de retornarem a situações de dependência dos homens, ou a um estado profissional e afetivo anterior às suas conquistas sociais.

Cuschnir comenta que uma das consequências do feminismo foi de ter precipitado o movimento de homens, tendo as mulheres um papel importante em toda esta transformação. Elas poderiam auxiliar os homens nesta transição, fornecendo, a partir

da própria experiência de vida, elementos para que eles encontrem o caminho em direção à própria identidade

Por outro lado, o autor tenta definir uma outra direção para o encaminhamento da relação entre os gêneros, de modo que ela não passe, por parte da mulher, pela incorporação dos valores até então restritos ao mundo masculino.

O modelo para as futuras relações entre os gêneros adotado por Cuschnir é otimista. Nele o conflito não aparece como a base das relações interpessoais, mas como decorrente de uma inadequação entre os valores sociais e as necessidades dos indivíduos. Estas últimas, na medida em que são nomeadas e satisfeitas, favorecem a condução de relações equilibradas e verdadeiras.

O trabalho traz em si uma noção de simetria, utilizada para apresentar homem e mulher. O livro é escrito até sua metade sobre o Masculino, e virando-o de ponta cabeça o leitor encontrará a abordagem do autor sobre Feminina. As duas partes do livro se encontram no meio e são convidadas pelo autor a uma dança: "toquem, então, que o baile já começou, e o seu par é . . ." No centro da página, aparecem desenhados os símbolos de Marte (masculino) e Vênus (femini-

no) que se sobrepõem simbolizando o encontro entre um homem e uma mulher.

O autor utiliza pequenos desenhos de Marte e Vênus, no pé de página de cada uma das partes, respectivamente. Ao longo do trabalho estes desenhos vão gradativamente aumentando de tamanho até o meio do livro onde, então, ocupam todo o espaço físico da página.

A idéia de encontro é um conceito chave no trabalho de Cuschnir, e ele a persegue tanto através dos desenhos nos pés de página, quanto dos grupos que coordena, ou ainda na maneira como define um homem e uma mulher. Contudo, sua visão é bastante personalizada e particular, e ele se vale de um texto descritivo e sem a preocupação de sistematizar sua análise sobre a problemática gênero.

Neste sentido, ele aponta as dificuldades vividas tanto por um homem quanto por uma mulher, no que diz respeito às exigências e expectativas sociais definidas para ambos, como sendo uma etapa a ser vencida a fim de que se materialize, no cotidiano, o que está representando, para eles, no imaginário do Ocidente - o determinismo do encontro entre os gêneros, sem conflitos.

SÓCRATES ÁLVARES NOLASCO ■

## Falas de mulheres

### **A Revolução das Mulheres: Um Balanço do Feminismo no Brasil**

TOSCANO, Moema e GOLDBERG,  
Miriam.

Rio de Janeiro: Editora Revan, 1992.

No momento em que a cultura ocidental comodamente se instala sob os rótulos do pós (feminismo, marxismo, estruturalismo, modernismo, socialismo etc) e das crises, principalmente a mais confortável de todas, a crise das utopias, o aparecimento de obras como *A Revolução das Mulheres* é especialmente bem vindo. Antes de qualquer mérito,

o livro, ao longo de suas 115 páginas, proclama à(o) leitora(leitor) uma idéia: "quem sabe faz a hora, não espera acontecer". O livro conta a história e as histórias do movimento com suas protagonistas: é um trabalho que recupera o valor da vontade política que, não sendo puro voluntarismo, tem sido, entretanto, um valor fundamental para se pensar a mudança, seja ela em que nível for.

O comodismo do fim do século, tão ao gosto do pensamento conservador neoliberal, mascarado de vanguardismo pós-moderno, necessita enfrentar a história do século e das transformações fundamentais que nele ocorreram. O capital de um século de lutas não pode ser deixado de lado ou